

CENÁRIO ECONÔMICO PARA O AGRONEGÓCIO DO LEITE NO BRASIL

Glauco Rodrigues Carvalho

Pesquisador da Embrapa Gado de Leite

O Brasil é o quarto maior produtor mundial de leite e a indústria de laticínios é uma das mais importantes da indústria brasileira de alimentos. Pelo lado da demanda, leite e derivados compõem o segundo grupo em gastos com alimentação pelas famílias brasileiras, respondendo por cerca de 12,3% dos gastos familiares com alimentação (IBGE, 2015). Pelo lado da oferta, além do elevado volume de produção, o setor é composto por cerca de 1,3 milhão de produtores, sendo importante gerador de emprego e renda (IBGE, 2009). O objetivo deste artigo é discutir e sistematizar informações sócio-econômicas da cadeia produtiva do leite no Brasil, destacando desafios internos e o posicionamento internacional do setor no âmbito da competitividade.

Indústria de laticínios

Entre os diversos setores da indústria alimentícia, o setor de laticínios destaca-se como o segundo em faturamento (Tabela 1). Em 2005, no entanto, o setor de laticínios ocupava a quarta posição nessa indústria, que fatura cerca de R\$ 450 bilhões. O faturamento da indústria de laticínios é de aproximadamente R\$ 59 bilhões, ficando com cerca de 13% da indústria de alimentos.

Tabela 1. Ranking dos principais setores da indústria da alimentação no Brasil por faturamento

Setor	2005	2010	2015
Derivados de Carne	1°	1°	1°
Laticínios	4°	4°	2°
Beneficiamento de Café, Chá e Cereais	2°	3°	3°
Óleos e Gorduras	3°	5°	4°
Açúcares	5°	2°	5°
Diversos	8°	7°	6°
Derivados do Trigo	6°	6°	7°
Derivados de Frutas e Vegetais	7°	8°	8°
Chocolate, Cacau e Balas	9°	9°	9°
Conservas de Pescados	10°	10°	10°

Fonte: ABIA (2016).

O setor lácteo brasileiro tem vivenciado grandes transformações nas últimas décadas, sobretudo após a desregulamentação, ocorrida em 1991. A indústria de laticínios conviveu com surtos de importações de produtos lácteos devido ao câmbio sobrevalorizado, tabelamento de preços para combate à inflação e mudanças nas políticas de apoio à produção de leite. Além disso, com a implementação do Plano Real e fim da inflação, ocorreram momentos de forte crescimento no consumo interno (Carvalho, 2010).

O resultado dessas transformações culminou em mais investimentos no setor, com ganhos na produção primária, nos processos logísticos e no amadurecimento da cadeia produtiva. Entre 2000 e 2014, enquanto a produção mundial de leite de vaca cresceu em média 2,0% ao ano,

no Brasil esse crescimento foi de 4,2% ao ano. Todas estas transformações culminaram também em mudanças na estrutura da indústria, refletindo em uma série de fusões e aquisições, iniciadas na segunda metade dos anos 90 e que se intensificaram no período mais recente. As 10 principais empresas de lácteos que atuam no Brasil captaram cerca de 9 bilhões de litros em 2015, ou 37% do leite captado pela indústria brasileira (Leite Brasil, 2016). Em termos de capacidade produtiva, os grandes laticínios utilizaram apenas cerca de 62% da capacidade produtiva, encarecendo o custo de produção de derivados lácteos.

Produção e consumo de leite

Em termos de produção nacional de leite, verifica-se uma rápida expansão da oferta, colocando o Brasil entre os países com maior crescimento da produção. Esta expansão tem se dado baseado nos dois vetores que são o número de vacas e a produção por vaca. Nos últimos 14 anos o número de vacas cresceu em média 1,8% ao ano, enquanto a produção por vaca evoluiu cerca de 2,3% ao ano. A expansão da produção se deu em todas as regiões brasileiras, mas de forma diferenciada. O maior crescimento da produção tem sido verificado nos Estados da Região Sul, que já representam cerca de 1/3 da produção doméstica. Merece destaque também o fato da Região Sul apresentar a maior produção por vaca, o que está na base da competitividade da produção primária. Este, sem dúvida, é um grande gargalo da competitividade brasileira na produção de leite e derivados.

O Brasil, além de registrar uma das mais baixas produtividades por vaca no âmbito internacional, também demonstra um crescimento muito aquém do desejado. A produtividade média por vaca em lactação no País é três vezes inferior a da Nova Zelândia e quase sete vezes menor que a dos Estados Unidos. Tal situação ilustra também o potencial de expansão da produtividade no país, caso ocorra a implantação em massa de programas de melhoramento genético, maior profissionalização na gestão das fazendas, melhorias no manejo e na alimentação do rebanho.

No caso do consumo, o cenário econômico para leite e derivados está diretamente relacionado ao ambiente macroeconômico, sobretudo porque o consumo de lácteos possui uma relação estreita com a renda per capita. Dessa forma, países de renda mais alta tendem a apresentar maior consumo per capita. O mesmo ocorre dentro do Brasil, com maior consumo nos estados de maior renda per capita. O crescimento médio do consumo per capita tem sido próximo de 3.0% ao ano. Pela Figura 1, pode-se observar uma forte expansão do consumo durante a implantação do plano real e também a partir de 2004, quando a economia apresentava um crescimento mais robusto.

No entanto, quando se avalia a resposta de consumo a alterações da renda, verifica-se duas informações importantes. A primeira indica que a elasticidade dos lácteos é maior que a de alimentos em geral, sendo mais prejudicado pela contração econômica. A segunda indica que a elasticidade é maior quanto mais baixo for o nível de renda do país (Oliveira e Carvalho, 2006). Portanto, programas de transferência de renda para regiões relativamente mais pobres e melhoria da renda da população tendem a estimular o consumo de lácteos. Vale ainda destacar que produtos de maior valor agregado, como queijos e iogurtes tendem a responder mais a alterações de renda. Portanto, diante da realidade econômica atual, é de se esperar um desaceleração no ritmo de expansão do consumo doméstico, sendo importante buscar uma maior inserção internacional.

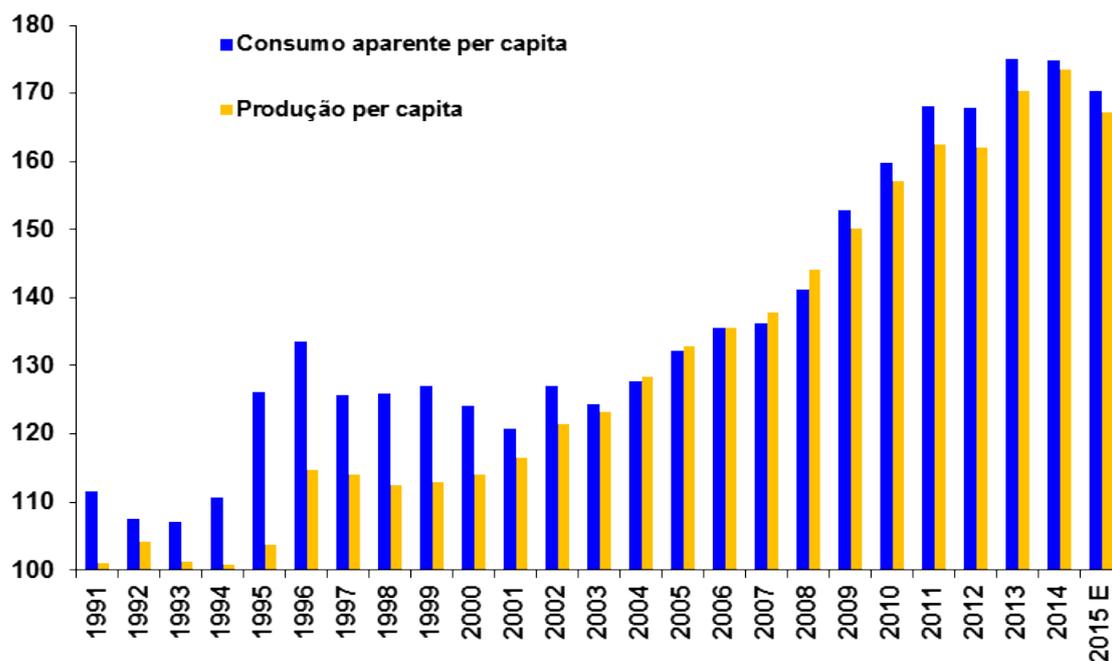


Figura 1. Produção e consumo aparente per capita de lácteos.

Fonte: IBGE/MDIC/Embrapa Gado de Leite

Internacionalização

O Brasil ainda não conseguiu se estabelecer como exportador no mercado internacional de leite e derivados. Até 2004, o Brasil era um grande importador de produtos lácteos, chegando a registrar déficits anuais de meio bilhão de dólares. Em 2004 o País passou a ser exportador líquido de lácteos mas não por muito tempo (Figura 2). O Brasil ainda precisa superar grandes desafios competitivos (qualidade, custos, acesso a mercados, etc.), os quais dependem de toda a cadeia produtiva. Em linhas gerais, o Brasil tem conseguido exportar apenas em momentos de preços internacionais elevados em função da baixa competitividade no custo de matéria-prima no mercado doméstico. Além disso, padrões sanitários baixos tem afetado possibilidades de entrada em mercados mais exigentes. Não obstante, os principais destinos dos produtos lácteos brasileiros são países como Venezuela, Argélia, Angola e as exportações são basicamente de leite em pó.

Margem de rentabilidade da atividade leiteira

No que se refere a preços de leite e custos, a Figura 3 é ilustrativa de um aspecto importante. O leite é uma atividade intensiva em mão de obra, justamente o insumo cujo preço mais sobe no custo de produção. A oferta de mão de obra no campo tem se tornado cada vez mais escassa e cara para o produtor. Dessa forma, aumentar a automação e mecanização dos processos produtivos, aliados ao treinamento de mão de obra visando ganhos de produtividade são fatores determinantes para o sucesso do empresário do leite. O preço real do leite ao produtor em 2015 ficou em 1,07/litro, indicando uma queda de 31% em relação ao valor pago em 1991. No mesmo período a mão-de-obra subiu 117%, ou seja, para manter uma relação de rentabilidade estável no tempo a mão-de-obra atual deverá produzir três vezes mais leite que a existente em 1991.

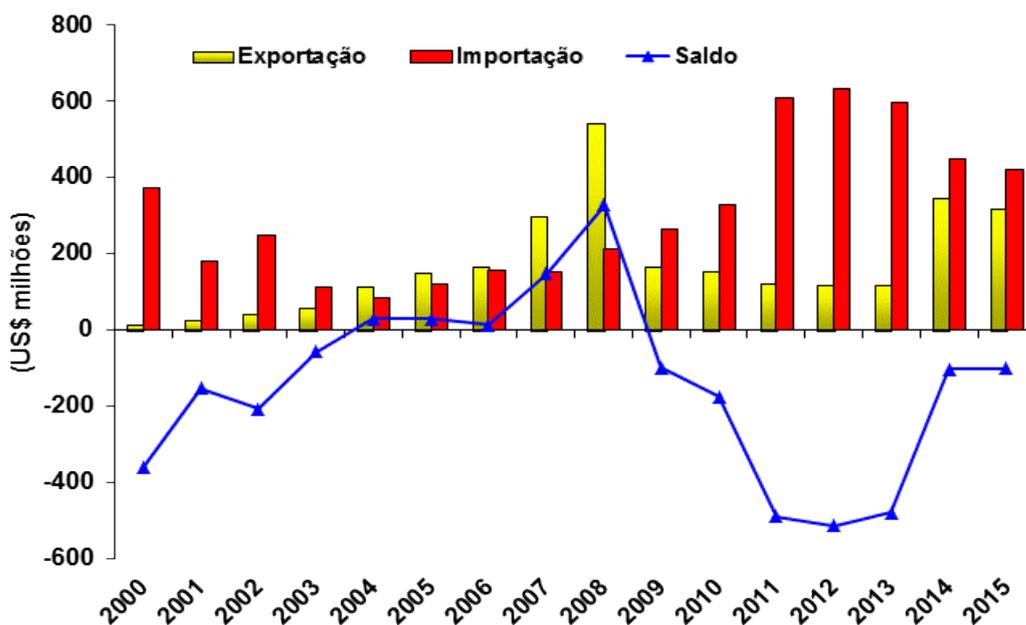


Figura 2. Balança comercial de lácteos (US\$ milhões).

Fonte: MDIC/Embrapa Gado de Leite

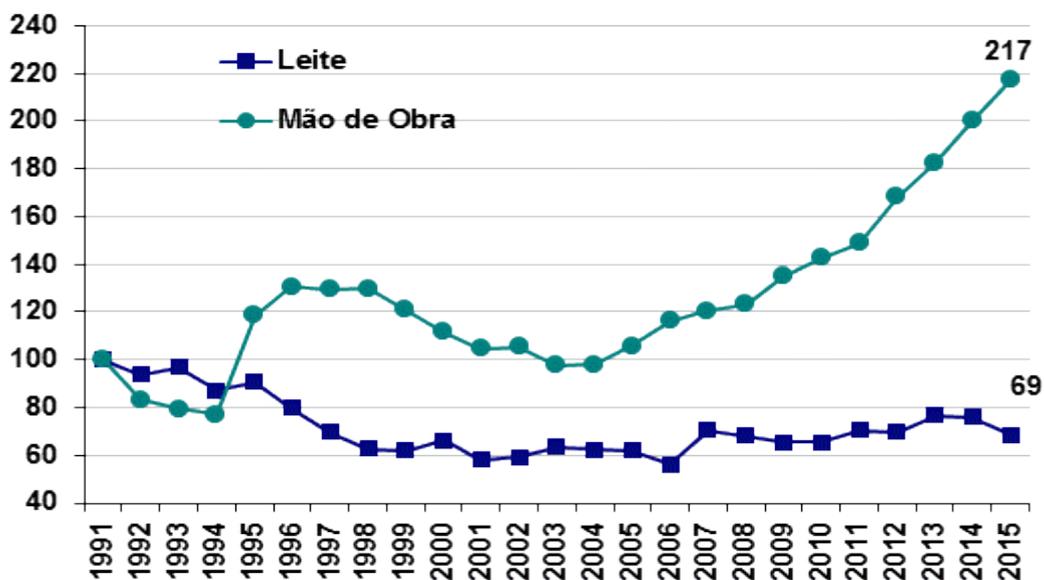


Figura 3. Índice de preço real do leite ao produtor e mão-de-obra, deflacionado pelo IGP-DI (Base: 1991=100)

Fonte: Cepea, FGV, Embrapa.

Considerações finais

Algumas tendências verificadas no passado recente devem permanecer nos próximos anos. É o caso da concentração industrial, valorização da qualidade da matéria-prima, inovações de produtos e processos industriais, e logística. No entanto, uma agenda de competitividade de médio e longo prazo precisa incluir outros fatores. Algumas ações que podem ser conseguidas

pela cadeia produtiva por políticas próprias incluem maior escala de produção (rural e industrial), baixo custo de matéria-prima via aproveitamento das vantagens competitivas (oferta de ração, clima tropical, disponibilidade de terras, água e tecnologias), padrões sanitários e ambientais que gerem confiança nos compradores, inclusive internacionais. Estratégias bem definidas de abertura de mercados e promoção comercial também são fundamentais para internacionalização do setor.

A estrutura produtiva é caracterizada por grande número de produtores e baixa produção diária. Estes produtores necessitam de orientação para acesso a informações e processos tecnológicos, capacitação para aumento da produção e da produtividade, além da melhoria da qualidade do leite.

Fatores externos também dificultam o desenvolvimento interno da pecuária de leite e os ganhos de competitividade. Políticas sanitárias bem estruturadas, ações governamentais para resolver problemas rotineiros de comércio internacional, desoneração tributária e baixo custo logístico são exemplos.

Referências

ABIA (2016). Números do setor - faturamento. São Paulo. Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação (ABIA). Disponível em: < <http://www.abia.org.br/vsn/anexos/faturamento2015.pdf>>. Acesso em: 20 maio. 2016.

Carvalho, G. R. (2010). A indústria de laticínios no Brasil: passado, presente e futuro. Embrapa Gado de Leite. Circular Técnica, 102. Disponível em: < <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/24349/1/CT-102.pdf>>. Acesso em: 10 maio. 2016.

IBGE. Censo Agropecuário 2006: Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2009.

IBGE. Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2015.

OLIVEIRA, A. F.; CARVALHO, G. R. Evolução das elasticidades-renda dos dispêndios de leite e derivados no Brasil. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 44., 2006, Fortaleza. Anais... Disponível em: < <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/1008930/1/4385.pdf>>. Acesso em: 06 junho. 2016.

Leite Brasil (2016). Ranking Maiores Laticínios do Brasil. São Paulo. Associação Brasileira dos Produtores de Leite (Leite Brasil). Disponível em: < <http://www.leitebrasil.org.br/maiores%20laticinios%202015%20final.pdf>>. Acesso em: 06 junho. 2016.